

FELIPE AUGUSTO MACHADO

DO HAMBURGO DE 1983

A verdadeira história do vice-campeão do mundo

[...] parabéns pela sua pesquisa; muito bem feita e, a meu ver, irretocável.

Gerd Wenzel, comentarista oficial do futebol alemão pela ESPN Brasil

Porto Alegre, 2008.

	2
Introdução	3
1. Dos Titulares do Hamburgo	4
1.1. Entre Atenas e Tóquio	4
1.2. A questão Schatzschneider	7
1.2.1. Tese do desentendimento	8
1.2.2. Tese da lesão	11
2. Dos Reservas do Hamburgo	13
2.1. Identificação	13
2.2. Titulares x Reservas	14
2.3. A questão von Heesen	15
2.4. O conservadorismo de Happel	17
3. Do Desinteresse do Hamburgo	19
3.1. Stuttgart	20
3.2. Kaiserslautern-Juventus x Stuttgart-Grêmio	22
3.3. Der Weltpokal	23
3.4. Tóquio hanseática	24
3.5. Preparação internacional	25
3.6. Pela reconquista	26
4. Da Força do Hamburgo	27
4.1. Os anos de ouro (1975-1983)	27
4.2. Eficiência desvendada	30
4.3. Uma lenda	31
Conclusão	33
Anexo. Hamburgo SV (1978-1983) x FC Barcelona (2001-2006)	35
Referências	39

Introdução

No dia 11 de dezembro de 1983, o campeão da América, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, e o campeão da Europa, Hamburger Sport-Verein, mediram forças no Estádio Nacional de Tóquio pela partida que determinou o melhor time do mundo daquele ano. O jovem Renato Portaluppi colocaria o Grêmio em vantagem ainda no primeiro tempo, mas no final do segundo tempo Michael Schröder empataria para o HSV. Mesmo prejudicado por fortes câimbras, o iluminado ponta-direita do *tricolor gaúcho* desempataria novamente a partida, no início da prorrogação, desta vez para sempre. Com o resultado, o clube gaúcho garantia o seu lugar no seleto grupo dos clubes campeões mundiais.

Enquanto que a perspectiva dos vencedores sobre esta decisão já foi amplamente divulgada, percebe-se uma clara escassez de informações a respeito do clube europeu derrotado naquela ocasião, o Hamburgo. Conseqüentemente, essa falta de conhecimento acarretou no surgimento de diversas teses a respeito do HSV, invariavelmente marcadas pelo menosprezo. Isto posto, o objetivo deste trabalho é justamente o esclarecimento das principais dúvidas que ainda pairam sobre o adversário do Grêmio na Copa Intercontinental, procurando estabelecer a verdade histórica com o mais elevado grau de fidelidade aos fatos.

Para isso, o trabalho será estruturado em quatro capítulos. O primeiro tentará elucidar quais foram os verdadeiros desfalques do time titular do HSV para a decisão do Mundial Interclubes. O segundo capítulo concentrar-se-á nas alternativas que tinha o técnico do HSV no banco de reservas naquela ocasião, e o quanto esse fato pode ter influenciado o trabalho de Ernst Happel em Tóquio. O terceiro capítulo, em parte uma extensão dos primeiros, reunirá diversos fatos relevantes que nos permitam concluir acerca da real importância que aquela *final do mundo* teve para o Hamburgo. Por fim, o quarto capítulo, através de uma série de estatísticas e informações, procurará desvendar a relevância do momento pelo qual atravessava o time hanseático nos anos que antecederam a *Copa do Mundo*, permitindo-nos compreender qual era a verdadeira força do campeão europeu que não resistiria ao Grêmio na terra do sol nascente.

1. Dos Titulares do Hamburgo

No dia 25 de maio de 1983, em Atenas, o Hamburgo venceu a favorita Juventus por 1 a 0 e se tornou o campeão europeu, com um chute de fora da área do meia-atacante Felix Magath aos 9 minutos do primeiro tempo. A partida tinha um clima de revanche, pois seis jogadores do clube de Turim haviam disputado a final da Copa do Mundo de 1982, em Madri, quando os italianos venceram os alemães por 3 a 1. Além dos seis jogadores campeões do mundo, integravam o elenco da *Vecchia Signora* o polonês Zbigniew Boniek, estrela da seleção polonesa que chegou ao terceiro lugar na Espanha, e o francês Michel Platini.

Aliado à histórica conquista continental, ao Hamburgo foi garantido o direito de disputar a Copa Intercontinental, torneio que decidia o campeão do mundo desde 1960. Obviamente, se notarmos que mais de seis meses e meio separaram as finais da Copa Européia e do Mundial Interclubes de 1983, não surpreende que o time que disputou a segunda decisão estivesse bastante alterado em relação àquele que disputou a primeira. Entre o encerramento da temporada européia de 1982/1983 e o início da temporada 1983/1984, como era de se esperar, muitos jogadores seriam negociados no velho continente. Ademais, acontecimentos inerentes à prática do futebol, como comprometimentos físicos e quedas de rendimento, já seriam o suficiente para explicar grandes mudanças entre as equipes de Atenas e de Tóquio.

1.1. Entre Atenas e Tóquio

De fato, a análise e a comparação das escalações iniciais do dia 25 de maio e do dia 11 de dezembro não são idênticas:

25 de maio de 1983 – Estádio Olímpico – Atenas ¹

Hamburger SV:

Uli Stein

Manfred Kaltz

Ditmar Jakobs

Holger Hieronymus

Bernd Wehmeyer

Jürgen Groh

Wolfgang Rolff

¹ <http://www.rsssf.com/ec/ec198283.html#cc>

Lars Bastrup
Felix Magath
 Jürgen Milewski
 Horst Hrubesch

11 de dezembro de 1983 – Estádio Nacional – Tóquio ²

Hamburger SV:

1 - Uli Stein
3 - Bernd Wehmeyer
4 - Ditmar Jakobs
5 - Holger Hieronymus
 2 - Michael Schröder
8 - Jürgen Groh
 6 - Jimmy Hartwig
10 - Felix Magath
11 - Wolfgang Rolff
 9 - Allan Hansen
 7 - Wolfram Wuttke

Mesmo assim, podemos observar que a quantia nada desprezível de sete jogadores jogou tanto a decisão continental quanto a decisão mundial. Entre os que não jogaram o Mundial, Horst Hrubesch e o dinamarquês Lars Bastrup não estiveram presentes porque haviam sido negociados. Hrubesch foi para o Standard Liège, da Bélgica, e Bastrup voltou para a sua terra natal, assinando com o Skovbakken Ik. Os destinos destes jogadores indicam que o Hamburgo não teria simplesmente perdido dois dos seus melhores jogadores para clubes com maior poder aquisitivo. Hrubesch já tinha 32 anos, e, assim como Bastrup, encerrou a carreira três anos depois.

Manni Kaltz foi provavelmente o maior desfalque do Hamburgo para o Mundial. O experiente lateral-direito jogou pela seleção alemã entre 1975 e 1983, inclusive na decisão da Copa do Mundo na Espanha. Manfred Kaltz machucou-se por volta dos 57 minutos do jogo de volta pelas oitavas-de-final da Copa dos Campeões da Europa diante do Dínamo de Bucareste, partida que acabou com o sonho do bicampeonato, não obstante tivessem derrotado os romenos por 3 a 2 em Hamburgo no dia 2 de novembro de 1983.³ Uma reportagem da revista semanal alemã *Der Spiegel* do dia 2 de janeiro de 1984 confirmou esta lesão, garantindo que Kaltz ficou cerca de sete semanas sem jogar.⁴ Quanto à imprensa gaúcha, no dia 4 de dezembro de 1983 o jornal *Zero Hora* revelara que a “lesão de Kaltz piorou”. No dia seguinte, 5 de dezembro, o título

² <http://www.fussballdaten.de/weltpokal/1983/finale/gremioportoalegre-hamburg/>

³ http://www.romaniansoccer.ro/europeancups/1983_84/dinamo_hamburger_sv_02.shtml

⁴ <http://wissen.spiegel.de/wissen/image/show.html?did=13508023&aref=image036/2006/06/13/cq-sp198400101190120.pdf&thumb=false>

da reportagem foi: “O desespero do Hamburgo para recuperar Kaltz”, cujo problema seria “muscular na perna direita”. A Folha da Tarde do dia 5 de dezembro, por sua vez, trouxe a seguinte manchete: “O grandalhão Kaltz está mesmo fora da decisão”, afirmando mais especificamente que a lesão seria “no adutor da coxa direita”.

Por último, o ponta-esquerda Jürgen Milewski também esteve impedido de disputar a decisão em decorrência de problemas físicos. Mais uma vez, a cobertura da grande decisão feita pela imprensa gaúcha nos fornece boas informações acerca da sua lesão: no dia 4 de dezembro de 1983, por exemplo, uma reportagem da Zero Hora falou “das dificuldades do driblador ponteiro-esquerdo Milewski [...] em se recuperar da sua cirurgia no tendão de aquiles”. Em seguida, acrescentou que “o lateral e o ponta Milewski *iriam* fazer tratamento intenso numa clínica especializada”. No dia 10 de dezembro, faltando poucas horas para a partida, o jornal Correio do Povo confirmou os desfalques ao publicar que “o Hamburgo chegou ao hotel do Grêmio, o Prince Hotel, às oito horas da noite, com dúvidas na escalação e sem dois jogadores importantes da equipe. Um é Kaltz e o outro é Milewski”. Por fim, em entrevista coletiva concedida em Tóquio e publicada pelo Correio do Povo do dia 10 de dezembro, o treinador Ernst Happel foi bastante claro ao afirmar que “*não trouxera* todos os titulares para o jogo de Tóquio, como Kaltz, por exemplo, porque *estavam* sem condições físicas de disputar uma partida”.

Ainda assim, como já foi argumentado, essa forma de comparação entre as duas equipes não é a mais justa, pois ignora as implicações do longo tempo transcorrido entre maio e dezembro. Lauro Quadros, em sua coluna no jornal Folha da Tarde dos dias 3 e 4 de dezembro, já comentara que “o valor (da visualização do teipe da partida entre Hamburgo e Juventus por parte dos jogadores do Grêmio) é apenas relativo, já que o jogo se realizou em maio, há sete meses, portanto”. Comparativamente, o próprio Grêmio, mesmo se considerarmos a diferença de calendário e o menor intervalo entre a partida final da Copa Libertadores e a disputa do Mundial, só manteve oito dos onze jogadores que venceram o Peñarol por 2 a 1, em Porto Alegre, no dia 28 de julho.⁵ Casemiro e Caio foram para a reserva, enquanto Tita retornou ao Flamengo por ocasião do fim do seu empréstimo.

Reconhecendo-se a razoabilidade dessa constatação, foi analisado o último jogo do Hamburgo antes do Mundial, pelo campeonato alemão, jogado no Volksparkstadion dia 7 de dezembro de 1983:

⁵ http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=libert_1983&language=0

7 de dezembro de 1983 – Volksparkstadion – Hamburgo ⁶

Hamburger SV:

Uli Stein

Bernd Wehmeyer

Holger Hieronymus

Ditmar Jakobs

Michael Schröder

Jürgen Groh

Felix Magath

Jimmy Hartwig

Wolfgang Rolff

Dieter Schatzschneider

Wolfram Wuttke

Neste dia, o Hamburgo perdeu em casa para o Stuttgart por 2 a 0, fato que foi fatal para as pretensões do clube na Bundesliga de 1983/1984, já que aquele campeonato acabaria sendo conquistado pelo mesmo Stuttgart com 48 pontos, o mesmo número de pontos que o vice, o próprio Hamburgo, sendo derrotado apenas pelo saldo de gols.⁷ Dessa forma, como se tratava de uma partida crucial para o HSV, o clube optou por escalar o que tinha de melhor para a partida. Como se pode notar, a única diferença deste time para o que enfrentou o Grêmio foi a saída de Schatzschneider para a entrada do dinamarquês Hansen, que, por sinal, seria colocado em campo no minuto 69 do jogo de Hamburgo, um minuto após o primeiro gol da equipe visitante.

1.2. A questão Schatzschneider

O que é mais contraditório em relação aos titulares do Mundial é a ausência do centroavante Dieter Schatzschneider. O jogador havia sido titular da equipe em todos os jogos do clube naquela temporada, mas sequer foi relacionado para a partida de Tóquio. Contratado para substituir o centroavante Horst Hrubesch, Schatzschneider ainda é o maior artilheiro da história da segunda divisão da Bundesliga com 154 gols. Mesmo diante da dificuldade de encontrar informações a respeito, uma pesquisa mais detalhada pode nos prover alguns indícios na busca pela melhor explicação para a ausência de Dieter Schatzschneider.

Antes disso, é importante destacar o papel quase irrelevante da imprensa brasileira na solução deste problema. A Zero Hora e o Correio do Povo dos dias seguintes à partida não

⁶ <http://www.bundesliga.de/de/statistik/spieltag/index.php?&competition=22&season=25&matchday=17>

⁷ <http://www.bundesliga.de/de/statistik/spieltag/index.php?&competition=22&season=25&matchday=34>

fizeram nenhuma menção à ausência de Schatzschneider no jogo de domingo. Na transmissão nacional da Rede Globo, com o narrador Galvão Bueno e o comentarista Márcio Guedes, Galvão narrou a partida inteira como se Hansen fosse von Heesen, embora este último não estivesse em condições de jogar. Ainda no primeiro tempo, Márcio Guedes afirmou que o Hamburgo tinha três desfalques para a partida: Kaltz, Milewski e von Heesen. Percebendo a contradição, mais tarde Márcio Guedes assegurou que quem estava fora era Schatzschneider, já que von Heesen estaria em campo, mas não traz nenhuma explicação sobre o motivo da sua ausência. A mesma falta de esclarecimento acontece com relação à transmissão da Rádio Guaíba, com o narrador Armindo Antonio Ranzolin e o comentarista Lauro Quadros. Durante o segundo tempo, o comentarista afirmou que Schatzschneider não estava nem no banco, mas novamente os jornalistas não elucidaram o motivo.

Ainda assim, alguns acontecimentos podem nos deixar uma idéia bastante aproximada do que teria ocorrido. São duas as teses mais prováveis: a primeira é a de que houve um forte desentendimento de Schatzschneider com os seus colegas de equipe e com o treinador Ernst Happel, e a segunda é a de que o centroavante tenha se machucado, assim como Kaltz e Milewski. Deve-se ressaltar que a possibilidade de as duas versões estarem corretas é relevante, como será observado mais adiante. Por ora, concentrar-nos-emos na tese do desentendimento.

1.2.1. Tese do desentendimento

No jogo contra o Stuttgart, dia 7 de dezembro, Happel substituiu o centroavante ainda no intervalo do jogo, demonstrando estar bastante impaciente com a sua fraca atuação até então. Como o seu substituto foi o atacante Thomas von Heesen, a hipótese de uma mudança tática está quase eliminada. Outra evidência da sua fraca atuação contra o Stuttgart está no testemunho da Zero Hora do dia 9 de dezembro de 1983: “[...] o Hamburgo criou algumas oportunidades para empatar, mas suas conclusões sempre foram muito ruins, especialmente por parte do centroavante Schatzschneider”. O Correio do Povo do dia 8 de dezembro segue a mesma linha, garantindo que “o Hamburgo errou muito nas finalizações”, e comentando que “o centroavante Schatzschneider não conseguiu jogar bem no gramado pesado”. Aliado a isso, o jogador já não estava em um bom momento antes da partida do dia 7, como destacou a Folha da Tarde do dia 5 de dezembro, assegurando que “*seria* mais importante (para Happel) definir um ataque eficiente. Afinal, o

centroavante Schatzschneider, apesar de sua excelente estatura, não *vinha* conseguindo marcar gols”.

Por outro lado, um surto de intolerância do técnico Ernst Happel com um jogador da sua equipe não seria uma novidade. Pouco tempo antes, no dia 29 de novembro de 1983, o Hamburgo foi ao Marrocos, em Rabat, para disputar um amistoso. Mesmo tendo vencido o jogo por 2 a 1, uma falha do zagueiro Holger Hieronymus no gol dos marroquinos irritou muito o treinador austríaco. Na reportagem intitulada *Happel não perdoa quem erra*, a Folha da Tarde do dia 1º de dezembro divulgou que “o Hamburgo sofreu um gol logo aos dois minutos, devido a uma falha inexplicável do [...] líbero Hieronymus. Happel não hesitou: retirou o jogador de campo com apenas 12 minutos de jogo”. No dia 4 de dezembro, o Correio do Povo publicou que “alguns jogadores *estavam* brigados com o severo treinador Ernst Happel, que *tivera* seu mais recente atrito com o líbero Hieronymus”. Segundo a Zero Hora do dia 2 de dezembro, o jornal alemão Bild Sport do dia anterior teria vinculado a seguinte declaração de Ernst Happel sobre o ocorrido: “Estou cansado de cartas podres”. A intransigência do treinador com o zagueiro surpreendeu, uma vez que Hieronymus era um dos jogadores mais respeitados do elenco. “Nem a torcida nem os companheiros do veterano jogador, um dos mais antigos do clube, perdoaram a atitude do treinador”, noticiou o Correio do Povo do dia 4 de dezembro, vinculando uma imagem do líbero sobre a legenda: “Hieronymus pode ficar fora do jogo”.

Outro fato que corrobora a hipótese de desentendimento é o fato de que Dieter Schatzschneider certamente viajou com a delegação para o Japão. Mesmo assim, ele não apareceria entre as opções do técnico austríaco no banco de reservas no domingo. A edição dos dias 10 e 11 de dezembro de 1983 da Zero Hora, ou seja, a poucas horas da partida, traz a escalação do Hamburgo com o centroavante como titular ao lado de Wuttke.⁸ Na edição da Folha da Tarde dos mesmos dias uma foto mostra Schatzschneider concedendo autógrafos na chegada da equipe alemã na capital japonesa.⁹

Além do técnico Ernst Happel, os colegas de equipe de Schatzschneider também não estavam satisfeitos com o jogador. Houve fortes menções à desunião da equipe quando a delegação retornou da viagem à Ásia. No dia 18 de dezembro, dois dias antes do jogo de volta pela final da Supercopa Européia, contra o Aberdeen na Escócia, aconteceu uma reunião entre os

⁸ <http://www.torcedor.gremista.nom.br/recortes/Mundial%201983-%2006.jpg>

⁹ <http://www.torcedor.gremista.nom.br/recortes/Mundial%201983-%2011.jpg>

jogadores, da qual foram excluídos tanto Schatzschneider quanto o seu companheiro de ataque Wuttke. Caso o Hamburgo tenha cumprido o calendário registrado pela Zero Hora do dia 7 de dezembro, a delegação retornou à Alemanha no sábado (17), e a reunião foi realizada já no dia seguinte. Ambos foram acusados de má atitude e falta de companheirismo, segundo a edição de fevereiro de 1984 da revista World Soccer.¹⁰ Liderados pelo capitão Felix Magath, os jogadores aparentemente fizeram reclamações à diretoria do Hamburgo. No entanto, o presidente Wolfgang Klein respondeu duramente que “preferiria colocar os dois atacantes em campo ao lado de amadores do que permitir aos jogadores a escolha de quem ele deveria utilizar”.

A edição de 2 de janeiro de 1984 da revista alemã Der Spiegel também mencionou esse acontecimento. A reportagem, no tocante à referida reunião ocorrida no Campo de Treinamento de Ochsenzoll, vinculou fortes declarações do treinador austríaco: “Contra Magath, (Schatzschneider e Wuttke) são pequenos vermes”, acrescentando que “Schatzschneider corre tão devagar quanto uma tartaruga”. Apesar dos nove gols marcados pela Bundesliga até então, a matéria afirma que “justamente nos jogos mais importantes ele não apareceu”.

Voltando à revista World Soccer, a reportagem assegurou que, “vinte e quatro horas depois, já em Aberdeen, outra reunião foi realizada, desta vez com a participação dos dois atacantes, bem como do gerente geral Günter Netzer e do técnico Ernst Happel”. “Uma declaração assinada por Magath lamentou que os resultados da reunião passada tivessem criado uma falsa impressão na mídia”. “A exclusão dos atacantes foi explicada como uma expressão da insatisfação com a atitude dos dois jogadores”. Netzer resumiu a situação em uma entrevista: “as duas contratações recentes foram simplesmente censuradas pelo resto do elenco”. De qualquer forma, o discurso após a segunda reunião era de um “recomeço e de uma cooperação com os jogadores marginalizados”.

O resultado disso pode ter sido a inclusão de Schatzschneider entre os titulares na partida contra o Aberdeen, no dia 20 de dezembro de 1983.¹¹ O Hamburgo amargaria uma derrota por 2 a 0, que deu o título ao time do treinador até então desconhecido Alex Ferguson. O centroavante, entretanto, seria substituído no decorrer da partida por Wuttke. A partida marcaria também a volta do lateral-direito Manfred Kaltz à equipe, após cerca de sete semanas sem jogar. Sem ritmo de jogo, o jogador daria lugar à Hansen durante a partida, ficando em campo a mesma equipe que

¹⁰ <http://www.torcedor.gremista.nom.br/revistas/Wordl%20Soccer%20Magazine%2002.jpg>

¹¹ <http://footballsite.co.uk/Statistics/European/SuperCup/SuperCup1983-84.htm>

perdeu para o Grêmio no Japão. O centroavante Schatzschneider não permaneceria no clube para a temporada seguinte, assinando com o Schalke 04.

1.2.2. Tese da lesão

Como podemos observar, são fortes os indícios de que o que esteve por trás da ausência de Schatzschneider em Tóquio foi o enorme atrito entre ele e a comissão técnica e os jogadores. No entanto, apesar do variado número de fontes utilizadas, em nenhuma delas foi realmente confirmada esta tese. Dessa forma, voltemos a nossa atenção para a segunda tese, a de que Schatzschneider não esteve apto a atuar no Estádio Nacional em decorrência de uma lesão. Como já foi afirmado, não há registros importantes sobre o assunto na maioria das coberturas da imprensa brasileira. A única exceção relevante foi o testemunho de Marco Antonio Schuster, que escrevia para a coluna Diário de Viagem da Folha da Tarde. No dia seguinte à conquista (12), Schuster relatou que, “enquanto os jogadores descansavam antes da prorrogação e ouviam as instruções dos treinadores, Schatzschneider, o centroavante titular lesionado, dava autógrafos”. Essa passagem, confrontada com o seguinte relato de Ernst Happel na sua coletiva de imprensa em Tóquio, registrada pelo Correio do Povo do dia 10, colabora para que a tese da lesão soe mais convincente:

Temos dois jogadores lesionados, de maneira que somente depois do treino de reconhecimento do campo é que poderei decidir quem vai jogar.

No entanto, o simples fato de a imprensa brasileira, particularmente a gaúcha, não ter noticiado a suposta lesão do centroavante nos dias anteriores à decisão, não obstante tivessem realizado uma formidável cobertura do adversário gremista, deixa a tese da lesão sob suspeita. Mesmo que o jogador estivesse mesmo lesionado, nada justificaria a sua ausência do banco de reservas naquela ocasião. Como será visto a seguir, o jovem ponta-esquerda Thomas von Heesen também estava machucado (era um dos dois lesionados aos quais Happel havia se referido), o que não o impediu de sentar-se à beira do gramado junto à comissão técnica e aos seus companheiros. Em condições normais haveria poucos motivos para acreditar que Ernst Happel teria inventado a lesão de Schatzschneider com o intuito de encobrir a desavença, já que o austríaco sempre foi reconhecido por não medir as palavras e por falar tudo o que pensava, como no episódio de

Rabat. Contudo, na seqüência da afirmação de Ernst Happel acerca dos lesionados, o Correio do Povo continua o relato da coletiva:

Então um jornalista brasileiro perguntou quais eram os dois lesionados e quem os substituiria na impossibilidade de jogar:
Como esta é uma entrevista coletiva, as perguntas particulares responderei depois da janta.

É claro que a reação de Happel à pergunta parece ter sido uma simples tentativa de manter o mistério acerca do time alemão que entraria em campo no domingo. Também parece razoável acreditar que o treinador falara a verdade quando se referiu aos dois lesionados. Porém, o grande número de evidências mostradas e o fato de não ter-se feito presente no banco de reservas do Estádio Nacional podem indicar que a desarmonia interna teria acabado de vez com as chances do centroavante de disputar o Mundial. Além disso, fosse qual fosse a lesão de Schatzschneider em Tóquio, ela certamente não foi muito grave, uma vez que ele voltaria a jogar em Aberdeen, no dia 20 de dezembro, pela final da Supercopa Européia.

A hipótese de que o treinador austríaco simplesmente quis poupá-lo visando outro compromisso mais importante está completamente descartada. Primeiro, porque se a intenção fosse poupá-lo, Schatzschneider não teria nem viajado com a delegação para o Japão. Segundo, porque a única partida oficial que o Hamburgo disputaria ainda naquele ano seria nove dias depois da decisão do Mundial Interclubes, tendo bastante tempo para se recuperar fisicamente da partida. Terceiro, a julgar pelo público presente no Volksparkstadion na terça-feira, 22 de novembro de 1983, quando Hamburgo e Aberdeen empataram em 0 a 0 pelo jogo de ida da final da Supercopa, dificilmente o clube hanseático¹² estivera muito interessado em ganhar a competição. O público total foi de cerca de 12 mil pessoas, em torno da metade da média de 23,936 mil torcedores que o Hamburgo levou ao seu estádio durante o primeiro turno da Bundesliga de 1983/1984.

¹² De *Liga Hanseática* (ou ainda *Hansa*): associação entre cidades mercantis que, do século XIII ao XVII, praticamente dominou o comércio entre o Mar Báltico e o Mar do Norte. Por essa razão, o nome completo da cidade de Hamburgo é *Cidade Livre e Hanseática de Hamburgo*.

2. Dos Reservas do Hamburgo

Há muita dificuldade de se localizar fontes confiáveis que descrevam com exatidão a quantidade e a identidade dos jogadores do Hamburgo que serviram como opção para Ernst Happel no banco de reservas do clube alemão naquele dia 11 de dezembro. A grande maioria das referências é vaga no que concerne ao problema. Durante a já comentada transmissão da Rádio Guaíba, por exemplo, o comentarista Lauro Quadros, procurando entender a aparente falta de ação de Happel frente à derrota, afirmou:

[...] o técnico Ernst Happel [...] tem apenas dois no banco: um goleiro e um zagueiro. Ele não tem solução ofensiva, sem o Schatzschneider, que não está nem no banco, e não pode pensar em mudar um time que tem apenas no banco um zagueiro e um goleiro. Como é que ele vai mudar? Pra quê?

De fato, o treinador austríaco não chegaria a fazer alterações na sua equipe até o apito final do árbitro Michel Vautrot, enquanto Valdir Espinosa faria as duas substituições a que tinham direito os treinadores na época.

A partir desse problema, algumas questões surgem e merecem ser analisadas, de modo a atingirmos a compreensão mais adequada sobre o assunto. Primeiro: quem eram os suplentes à disposição de Happel no Estádio Nacional de Tóquio? Segundo: qual era o provável ataque titular do Hamburgo naquela temporada? Terceiro: porque o treinador austríaco não colocou em campo o atacante que tinha à disposição entre os reservas, mesmo estando em desvantagem no placar? E finalmente, qual era a frequência com que Ernst Happel fazia uso do seu direito de substituir durante as partidas?

2.1. Identificação

Para responder a primeira questão, primeiramente faremos uso de imagens disponíveis na *internet*, de forma a facilitar a visualização dos jogadores. Desmentindo em parte o que fora afirmado por Lauro Quadros, podemos perceber não dois, mas três jogadores do Hamburgo sentados à beira do gramado junto à comissão técnica. Essa observação confirma a informação publicada pelo Correio do Povo do dia 10, segundo o qual o HSV “*trouxera* a Tóquio somente 15 jogadores”. Como Schatzschneider não esteve presente no banco de reservas, ainda deveria haver

três jogadores à disposição de Happel. Uma imagem de um blog gremista mostra, da esquerda para a direita, quatro pessoas da comissão técnica, três jogadores do Hamburgo e um quinto membro da comissão.¹³ Com base em um site alemão, podemos afirmar que o primeiro é o técnico Ernst Happel, seguido do seu assistente Rainer Ohlhauser.¹⁴ O terceiro, cuja imagem não fecha perfeitamente com aquelas disponíveis, pode ser um vice-presidente do HSV chamado Nouman, cujo nome é citado pela Zero Hora dos dias 10 e 11 de dezembro. O quarto é o massagista Hermann Rieger. Na foto, à esquerda dos três jogadores, ainda aparece somente a cabeça do roupeiro Emil Tomescheit.

Quanto aos jogadores, não há dúvida de que o primeiro é o goleiro reserva Uwe Hain. O segundo, embora nesta foto não fique muito visível (no filme oficial aparece de forma mais clara), é o ponta-esquerda Thomas von Heesen. O jogador de 22 anos atuou no clube do norte alemão por 14 temporadas, até 1994, tendo vestido a camisa do Hamburgo por 378 oportunidades e marcando, pelo campeonato alemão, 99 gols. O terceiro, comparando as fotos dos jogadores do elenco com a imagem do filme, e de acordo com a sua biografia na Wikipedia, onde há uma menção de que ele teria participado do Mundial (1983 Teilnahme am Welpokal), é o zagueiro de 21 anos Dieter Brefort.¹⁵ O jovem jogador havia marcado seu primeiro gol pelo Hamburgo no dia 26 de novembro, fechando a goleada por 4 a 0 sobre o Nurembergue. Quando foi contratado pelo Hamburgo, na temporada 1982/1983, Brefort atuava como meio-campista. Na temporada seguinte, entretanto, ele seria transformado em zagueiro, permanecendo nesta posição até encerrar a carreira, em 1990.

2.2. Titulares x Reservas

Antes de tudo, devemos esclarecer que o jovem ponta-esquerda Thomas von Heesen ainda não poderia ser considerado jogador titular do HSV em dezembro de 1983. Com 22 anos, na temporada anterior ele começara jogando como titular em apenas 11 jogos, entre jogos pela Bundesliga, pela Copa da Alemanha e pela Copa Européia. Na temporada 1983/1984, por sua vez, o problema decorrente da lesão nos meniscos certamente adiou a sua intenção de se tornar titular. Segundo a Zero Hora do dia 9 de dezembro, fazia cerca de três meses que von Heesen

¹³ <http://gremio1983.blogspot.com/2006/11/wianey.html>

¹⁴ <http://www.moellers-hsv-eck.de/HSV%20Autogramme/1982-83.htm>

¹⁵ http://de.wikipedia.org/wiki/Dieter_Brefort

tinha operado os meniscos, o que também explica a pouca participação dele nos jogos do time alemão até então. Não obstante, a lesão de Milewski e o problema envolvendo Schatzschneider deixaram este sonho mais próximo, e von Heesen esteve muito perto de começar a partida pelo Mundial Interclubes.

Quanto aos verdadeiros titulares do ataque hanseático, não há dúvidas a respeito da titularidade de Milewski. Quando finalmente recuperou-se da lesão e retornou ao time titular, na vigésima terceira rodada do campeonato alemão de 1983/1984, Jürgen Milewski não ficaria mais de fora dos eleitos para começar as partidas naquela temporada. Schatzschneider também era titular: jogou em 31 das 34 rodadas daquele campeonato nacional, e fora contratado por 1,2 milhão de marcos alemães justamente para substituir o centroavante campeão europeu Horst Hrubesch. Contratado por 950 mil marcos para substituir o dinamarquês Lars Bastrup, o pontadireita Wolfram Wuttke poderia ser considerado o terceiro atacante titular, já que Happel constantemente utilizava a formação 4-3-3 nos jogos das suas equipes. Wuttke era um jovem jogador em ascensão, tendo sido destaque da seleção alemã campeã europeia sub-21 em 1982.

2.3. A questão von Heesen

Como foi observado, Lauro Quadros esteve correto a respeito da presença de um goleiro e de um zagueiro no banco de reservas, mas não mencionou a presença do atacante Thomas von Heesen. A particularidade da *questão von Heesen* começa a ser desvendada naquela partida contra o Stuttgart do dia 7 de dezembro. Como já foi comentado, Happel sacou o centroavante Schatzschneider no intervalo da partida e colocou Thomas von Heesen no seu lugar. Estranhamente, von Heesen saíria de campo 24 minutos depois, dando lugar ao dinamarquês Allan Hansen, que seria o titular na partida contra o Grêmio.

A explicação vem dois dias depois, na edição de 9 de dezembro de 1983 da Zero Hora, onde uma reportagem afirmou que o “Hamburgo só *teria* von Heesen se ele *infiltrasse* o joelho”. Ao longo do texto, é acrescentado que “ele ainda não *estava* recuperado da lesão nos meniscos, mas viajou assim mesmo”. Ademais, o jogador estaria com o “joelho direito inchado”. No que concerne ao jogo contra o Stuttgart, a matéria contou que von Heesen “sentiu dores na articulação do joelho, que inchou muito, e teve de ser substituído”. Já para o Correio do Povo do dia 8, o HSV “teve um dos seus jogadores lesionado com alguma gravidade. O atacante von Heesen

sofreu forte pancada no joelho [...] e dificilmente *teria* condições de jogar a decisão”. A Folha da Tarde do mesmo dia, além de informar que ele “sofreu uma batida no joelho machucado e teve que sair do gramado”, foi mais taxativa no tocante à sua participação no Mundial: “Ele está fora”. Por fim, a Zero Hora dos dias 10 e 11 de dezembro destacou a seguinte manchete: “Médico veta von Heesen”. De acordo com a reportagem, o médico do Hamburgo Herr Reinhard “*garantiu* que o jogador não *tinha* as mínimas condições físicas para disputar a grande decisão e ainda criticou os dirigentes do clube por permitirem que o jogador viajasse”.

A despeito da sua qualidade, Thomas von Heesen, como já foi afirmado, não poderia ainda ser considerado um verdadeiro desfalque no time titular do Hamburgo, embora as circunstâncias especiais tenham feito dele um reforço imprescindível para o técnico austríaco, a ponto de colocá-lo como opção na partida de Tóquio. A histórica Zero Hora do dia seguinte ao Mundial (12) confirmou a identidade do jogador, ao registrar que o “lesionado von Heesen apenas assistia ao jogo, ao lado de dois reservas [...]”. A sua titularidade só começaria a ser conquistada a partir da vigésima oitava rodada do campeonato nacional daquela temporada, quando saiu jogando em 7 das 8 rodadas restantes. Na temporada seguinte, com a saída de Schatzschneider, von Heesen enfim alcançaria o seu lugar cativo entre os onze de Happel.

A controversa decisão de levar o descontado ponta-esquerda para o Japão não foi mero fruto do acaso. O técnico Ernst Happel enfrentava grande dificuldade na composição do seu elenco, resultado direto do número de baixas provocadas por jogadores machucados e, além disso, devido à falta de agilidade e de eficiência dos dirigentes do HSV na solução destes problemas. Para a já citada revista alemã Der Spiegel, os grandes feitos recentes do clube podem ter deixado seus dirigentes, de certa forma, acomodados. De acordo com a matéria, a “inabilidade alemã de auto-avaliação e a perda do senso da realidade” trouxeram conseqüências nocivas ao time. Com efeito, o Hamburgo sofreria desfalques que reduziriam o seu elenco, “transformando-se, para a temporada 1983/1984, a orquestra de jogadores de futebol do Hamburgo no menor elenco da Bundesliga”.¹⁶ Na entrevista coletiva de Tóquio, o treinador austríaco viria a declarar:

Tive muitos jogadores machucados neste campeonato. Por isso perdi alguns jogos.

¹⁶ <http://wissen.spiegel.de/wissen/image/show.html?did=13508023&aref=image036/2006/06/13/cq-sp198400101190120.pdf&thumb=false>

Assim, o baixo número de alternativas em Tóquio jamais poderia ser creditado a um desinteresse alemão em relação à Copa Intercontinental, mas sim ao insucesso dos dirigentes hanseáticos na administração dos desfalques da equipe.

2.4. O conservadorismo de Happel

Esclarecidas a quantidade, a identidade e a causa da situação observada entre os suplentes do HSV em Tóquio, concentremos-nos agora nas suas possíveis conseqüências. Ainda mais importante do que solucionarmos as outras perguntas é refletir sobre a real possibilidade de o técnico Ernst Happel usufruir do seu direito de modificar a equipe naquela decisão. Para isso, recorrer-se-á a estatísticas referentes à frequência de substituições realizadas pelo treinador ao longo do seu trabalho no Hamburgo. Será que o fato de possuir um número reduzido de suplentes naquela oportunidade inviabilizaria por completo o trabalho de Ernst Happel, ou pelo menos no que diz respeito a uma eventual tentativa desesperada de mudar o rumo do jogo?

Para começar, a observação do número de substituições feitas pelo técnico austríaco revela, por exemplo, que das 22 partidas realizadas pela temporada 1983/1984 até o confronto contra o Grêmio, Happel não trocou ninguém em 6 (incluindo derrotas para o Borussia M'gladbach por 4 a 0 e para o Bayern de Munique por 1 a 0), e trocou apenas um jogador em 13 partidas (incluindo a derrota por 3 a 0 para o Dínamo de Bucareste, na Romênia, pelo jogo de ida das oitavas-de-final da Copa dos Campeões).¹⁷ Este dado é impressionante, pois revela que em 86,33% dos jogos o austríaco sequer fez uso das duas substituições a que tinha direito.

O comportamento *conservador* do técnico austríaco não fica restrito à temporada 1983/1984. Na vitoriosa campanha da Copa dos Campeões da Europa de 1982/1983, por exemplo, em nenhuma das 9 partidas disputadas pelo clube alemão Ernst Happel fez as duas substituições. A tabela abaixo disponibiliza as estatísticas referentes ao número de substituições feitas pelo técnico austríaco desde que assumiu o Hamburgo, na temporada 1981/1982, até a partida contra o Grêmio:

¹⁷ <http://www.fussballdaten.de/vereine/hamburgersv/1984/spiele>

Competição	Jogos	Nenhuma Substituição	Uma Substituição	Duas Substituições
Bundesliga 1981/1982	34	12	12	10
Copa da UEFA 1981/1982	12	2	7	3
Copa da Alemanha 1981/1982	6	0	3	3
Bundesliga 1982/1983	34	6	16	12
Copa dos Campeões da Europa 1982/1983	9	3	6	0
Copa da Alemanha 1982/1983	4	0	2	2
Bundesliga 1983/1984	17	6	10	1
Copa dos Campeões da Europa 1983/1984	2	0	2	0
Copa da Alemanha 1983/1984	2	0	0	2
Supercopa Européia 1983	1	0	1	0
Total	121	29	59	33

Tabela 1. Fonte: Fussballdaten.de

Os números nos oferecem uma excelente visualização do modo como Ernst Happel conduziu a equipe alemã nos anos que antecederam a decisão do Mundial de Clubes de 1983. É impressionante constatar que o treinador austríaco só fez uso do seu direito de trocar dois jogadores em apenas 27,27% das partidas. Os jogos em que Happel preferiu não substituir ninguém durante os 90 minutos ficaram bem próximos, com 23,96%. Por último, as partidas em que foi substituído apenas um jogador contabilizam 48,76% das suas exibições. Não bastasse a clareza desses números, a observação mais importante que decorre deste dado é de que, das 33 partidas em que Happel substituiu os dois jogadores, em apenas 6 (18,18%) ele colocou o segundo jogador em campo quando estava perdendo a partida, enquanto que em 19 (57,57%) delas o time estava vencendo. Com efeito, é muito mais provável que o treinador austríaco considerasse o direito de fazer substituições menos importante para alterar a forma de atuar da equipe, de acordo com as circunstâncias do jogo (por exemplo, torná-lo mais ofensivo com vistas a reverter um resultado parcial adverso), do que para testar novas formações táticas e dar maior ritmo de jogo para alguns jogadores. Em resumo, das 121 partidas realizadas sob o comando de Ernst Happel, em apenas 4,95% o treinador substituiu um segundo jogador no momento em que o HSV perdia a partida. Nem por isso, como no jogo contra o Stuttgart (quando Happel foi obrigado a substituir o ponta-esquerda Thomas von Heesen em decorrência de problemas físicos), a intenção foi a de tornar o time mais ofensivo para reverter um resultado parcial desfavorável. Logo, o escasso número de alternativas no banco de reservas alemão em Tóquio teve um efeito bastante limitado sobre as estratégias vislumbradas e postas em prática pelo treinador austríaco durante a decisão.

3. Do Desinteresse do Hamburgo

A mensuração do nível de interesse de um clube por uma competição pode não ser algo muito simples de ser feito. Historicamente, entretanto, podemos afirmar que no caso do Mundial Interclubes os representantes sul-americanos sempre se mostraram mais estimulados com a possibilidade de conquistá-lo do que seus rivais europeus, por razões que transcendem a esfera esportiva. Ainda assim, o grau de interesse das nações européias pelo certame não parece ser homogêneo. Um bom número de evidências nos deixa com a clara sensação de que o interesse pela decisão mundial pode variar consideravelmente de um país europeu para outro. Como explicou o capitão Felix Magath, em uma entrevista relatada pela Zero Hora do dia 6 de dezembro de 1983, quando perguntado sobre o mau retrospecto dos clubes europeus que haviam decidido a Copa Intercontinental em Tóquio até aquele momento:

Bem, mas há um detalhe: em todos os jogos anteriores a Europa foi sempre representada por times ingleses, e nós não somos ingleses, somos alemães, e jogamos sempre com muita seriedade.

Ao que parece, o capitão do Hamburgo não havia se enganado quando subestimou, ainda no início da década de 80, a seriedade inglesa para com o torneio. No dia 30 de novembro de 1999, quando o Manchester United se tornou o primeiro e o único inglês a conquistar o título mundial, a BBC publicou uma reportagem com o seguinte título: “Bom, mas não tão bom”.¹⁸ Durante a reportagem, se por um lado o treinador Alex Ferguson admitiu que “o *campeonato mundial* é muito especial”, e que ele estava “muito satisfeito de ter ganhado e de (o Manchester) ter se tornado o primeiro time inglês a conquistá-lo”, por outro lado avaliou que “primeiramente você tem que ganhar a Copa Européia para chegar aqui (no Mundial), e não importa como você irá considerar isto, a Copa Européia será sempre a *galinha dos ovos de ouro* para nós”.

Na mesma linha de um maior interesse alemão, o comentarista oficial do futebol alemão pela ESPN Brasil Gerd Wenzel descreveu a sua opinião a respeito de um suposto desinteresse alemão, a ponto de levar uma equipe descaracterizada, fato que foi devidamente esclarecido nos dois primeiros capítulos:

¹⁸ <http://news.bbc.co.uk/2/hi/sport/football/543749.stm>

Isto não aconteceu, nem com o Bayern, nem com o Borussia e, muito menos, com o Hamburgo. Conversei com Ottmar Hitzfeld a respeito, quando ainda técnico do Borussia, e ele me disse claramente:
Se vamos viajar para o Japão, não é para passear, é para ganhar.¹⁹

Dessa forma, ainda que o Grêmio certamente tenha encarado aquela decisão de forma mais entusiasmada do que o Hamburgo, vários exemplos nos fazem acreditar que o clube alemão também estivera bastante motivado e determinado em conquistar o título mundial pela primeira vez.

3.1. Stuttgart

De acordo com o que foi visto, a partida contra o Stuttgart era de extrema importância para o restante da Bundesliga. Presume-se que o Hamburgo não deixaria de colocar sua força máxima neste jogo tão crucial, e foi o que aconteceu. Mesmo que o Stuttgart possa ter jogado melhor e merecido a vitória, o resultado não deixa de ser surpreendente, pois a última derrota do Hamburgo jogando em casa por competições alemãs havia ocorrido no distante 16 de maio de 1981, há mais de dois anos e meio, diante do próprio Stuttgart, pelo placar de 3 a 1 (Ernst Happel nem era o técnico do Hamburgo). Não obstante, o seguinte trecho do jornal Correio do Povo do dia 8 de dezembro praticamente acaba com a possibilidade de que o Stuttgart tenha sido superior ao HSV:

O Hamburgo teve 27 escanteios a favor durante toda a partida e o Stuttgart 7, o que mostra a superioridade do time de Ernst Happel, que não acertou apenas nos arremates.

A derrota de dezembro significou a interrupção de 48 jogos de invencibilidade, com 34 vitórias e 14 empates.²⁰ Dessa forma, é bastante razoável supor que faltou aos jogadores do clube hanseático uma boa dose de concentração naquela partida, uma vez que estavam a apenas quatro dias de decidir o Mundial de Clubes contra o Grêmio.

Um fato que de alguma forma corrobora a hipótese acima foi publicada pela Zero Hora do dia 6 de dezembro, um dia antes do importante jogo contra o Stuttgart: “Jogadores vão ver o [...] Grêmio esta noite”. Após a observação do adversário, a edição de 8 de dezembro de 1983 do

¹⁹ Entrevista concedida por correio eletrônico.

²⁰ <http://www.fussballdaten.de/vereine/hamburgersv>

mesmo jornal vincula os seguintes trechos de entrevistas, certamente concedidas no dia anterior, dia do referido compromisso pela Bundesliga:

Não vai ser fácil vencer o Grêmio. É um time que marca sem a preocupação de enfeitar as jogadas e que joga com muita seriedade. (Felix Magath)

[...] não são artistas brasileiros, são operários e que jogam futebol com segurança e aplicação. (Günter Netzer)²¹

As declarações acima mostram bem que, mesmo envolvidos com aquele importante compromisso pelo campeonato nacional, os jogadores e a comissão técnica do Hamburgo não escondiam o seu interesse pelo inimigo de Tóquio. A partida entre Hamburgo e Stuttgart foi a única a acontecer na quarta-feira, fruto de um acordo entre os dois clubes: “pelo carnê, este jogo deveria ser disputado sábado, mas foi antecipado por causa da decisão de Tóquio”, confirmou a Folha da Tarde do dia 7 de dezembro. Além disso, com exceção da vitória do Bayer Leverkusen por 2 a 1 sobre o Colônia, que ocorreu na sexta-feira, todas as demais foram jogadas no sábado, dia 10 de dezembro.

Ainda com relação ao Stuttgart, o capitão Felix Magath, como foi destacado pela Zero Hora do dia 6 de dezembro de 1983, sintetizou a opinião dos jogadores acerca da inconveniência de ter que disputar aquela partida contra o Stuttgart, faltando apenas quatro dias e muitas horas de viagem para a decisão da *Copa do Mundo*. Segundo o jornal, o jogador “*achava também que o fato de chegar em Tóquio só na antevéspera do jogo prejudicaria o time alemão*”.

Outra evidência que confirma a visão de uma provável prioridade dada pelo Hamburgo ao Mundial é o fato de que, não obstante tivesse perdido o jogo em casa contra o Stuttgart no primeiro turno (rodada 17), na última rodada (rodada 34) o Hamburgo foi à casa do rival e confirmou a sua supremacia vencendo o jogo por 1 a 0 (o que, entretanto, não evitou o título do Stuttgart). O gol foi marcado por Milewski, o único jogador que não esteve em campo no primeiro duelo, mostrando que aquela derrota podia de fato ter sido ocasionada por uma atuação cautelosa ou desconcentrada, visando ao objetivo maior de ser campeão do mundo.

²¹ Percebe-se claramente nestes trechos o desprezo alemão pelo ineficiente futebol-arte brasileiro, notavelmente representado pela *Seleção Canarinho* na Copa do Mundo de 1982 e tão aclamado pela imprensa nacional até hoje.

3.2. Kaiserslautern-Juventus x Stuttgart-Grêmio

No entanto, alguém poderia argumentar que, se realmente a decisão em Tóquio fosse encarada como prioritária pelo clube alemão, dificilmente o clube deixaria de poupar seus titulares nos compromissos imediatamente anteriores pelo campeonato nacional, sob pena de perder algum dos seus jogadores, como foi o caso de Thomas von Heesen. Neste caso, pode-se traçar um paralelo dessa situação com outra situação similar vivida anteriormente. Ninguém discute a importância que o título continental tem para qualquer clube europeu. Sendo assim, podemos observar o comportamento de Ernst Happel com relação ao time que jogou pela Bundesliga exatamente antes da decisão de Atenas. No dia 21 de maio de 1983, pela trigésima segunda rodada do campeonato alemão, ou seja, a apenas quatro dias da final da Copa dos Campeões da Europa, o Hamburgo foi a Kaiserslautern enfrentar os donos da casa, com a seguinte escalação:

21 de maio de 1983 – Fritz-Walter-Stadion – Kaiserslautern ²²

Hamburger SV:

Uli Stein

Holger Hieronymus

Manfred Kaltz

Ditmar Jakobs

Jürgen Groh

Bernd Wehmeyer

Jimmy Hartwig

Felix Magath

Wolfgang Rolff

Horst Hrubesch

Jürgen Milewski

Como se vê, a única mudança deste time para o time que enfrentou a Juventus foi a saída de Hartwig para a entrada do dinamarquês Bastrup. A partida terminou com um empate por 2 a 2, resultado que manteve o Hamburgo na liderança da Bundesliga, com o mesmo número de pontos que o Werder Bremen. O resultado acabou sendo essencial, já que as duas vitórias que se seguiram garantiram o título ao Hamburgo, derrotando o clube de Bremen apenas pelo saldo de gols. A relação *Kaiserslautern-Juventus* guarda algumas interessantes coincidências com a *Stuttgart-Grêmio*. Primeiro, entre uma partida e outra havia um intervalo de quatro dias.

²² <http://www.bundesliga.de/de/statistik/spieltag/index.php?&competition=22&season=26&matchday=32>

Segundo, Ernst Happel só mudou um jogador de uma partida para a outra nas duas situações. Também nas duas situações, saiu um jogador alemão para a entrada de um dinamarquês. Por fim, os resultados das duas partidas anteriores às decisões acabaram sendo decisivos para designar o campeão alemão. Portanto, este exemplo deixa bastante claro que o fato de ter colocado a sua força máxima no compromisso imediatamente anterior à decisão não pode ser associado a uma falta de interesse do clube alemão com relação à Copa Intercontinental.

3.3. Der Weltpokal

Para ilustrar ainda mais a importância da partida para o clube alemão, vale destacar o modo como a Copa Intercontinental é chamada pelos alemães, a despeito da crença de que apenas os brasileiros referem-se a ela como Mundial Interclubes.²³ O site oficial do Hamburgo, no setor do museu e da história, descreve os feitos da gloriosa década de 80, não esquecendo de citar a “derrota na *final da Copa do Mundo*, em dezembro de 1983, contra o Grêmio, em Tóquio”:

Dezember 1983 Niederlage im Weltpokal-Finale gegen Gremio Porto Alegre in Tokio (1:2 n.V.).²⁴

Na mesma linha do site oficial, outra interessante página eletrônica totalmente dedicada à história do Hamburgo também publicou, logo após as manchetes históricas relativas à conquista da Europa, o resultado da “*final da Copa do Mundo*, no dia 11 de dezembro de 1983, em Tóquio, para 62 mil espectadores”:

Weltpokalfinale HSV - Gremio Porto Alegre 1-2 n.V. am 11.12.1983 in Tokyo vor 62.000 Zuschauern.²⁵

De fato, um exame detalhado da mídia alemã nos deixa certos de que a Copa Intercontinental ficou mais conhecida na Alemanha como *Copa do Mundo* do que pelo seu nome oficial, provavelmente devido ao significado intrínseco à competição. O jornal alemão Berliner Zeitung escreveu sobre o certame no dia 13 de dezembro de 2004, um dia após a última edição da Copa Intercontinental sob o nome de Copa Toyota. Para a reportagem, cujo título é *O melhor*

²³ Literalmente, a palavra alemã Weltpokal significa Copa do Mundo.

²⁴ http://www.hsv-hshnordbank-arena.de/de/museum/geschichte_des_hsv/wichtige_ereignisse/1980.html

²⁵ <http://www.hsv-history.de/europa198283.html>

clube do mundo, não importa como o torneio é chamado, “se Copa Toyota ou Copa Européia/Sul-Americana: este confronto anual entre os campeões da Copa Européia e da Copa Libertadores permanecerá na memória como *Copa do Mundo*”. Além do mais, como se trata de um jornal europeu, não deixa de surpreender o subtítulo da matéria, que considera a partida que “tem lugar tradicionalmente no Japão” como “o mais importante jogo de clubes do ano”:

[...] ob Toyota Cup oder European South American Cup: Als Welpokal wird diese alljährliche Auseinandersetzung zwischen den Siegern des Europapokals der Landesmeister (später Champions League) und der Copa Libertadores in Erinnerung bleiben.

Das wichtigste Vereinsspiel des Jahres findet traditionell in Japan statt.²⁶

Portanto, fica bastante nítida a importância atribuída à Copa Intercontinental na Alemanha. O simples fato de ser chamada de *Copa do Mundo* dispensa maiores comentários. A mesma referência pode ser observada em outros países europeus, como na Holanda (Wereldbeker). Mesmo em países onde o torneio é geralmente conhecido pelo seu nome original, como na Inglaterra e na Itália, seus clubes sempre foram considerados campeões do mundo ao conquistá-lo.²⁷ Nas palavras de Sir Alex Ferguson, um típico *eurocentrista* no que concerne à relação de importância entre a Copa Européia e o Mundial Interclubes, à já citada reportagem da BBC:

Nós queríamos ganhar primeiramente porque nenhum time inglês havia ganhado e, em segundo lugar, porque ele nos faz campeões mundiais – e nós estamos orgulhosos disso.

3.4. Tóquio hanseática

Não menos relevante foi a mobilização da torcida do Hamburgo, que compareceu em maior número do que os gremistas na capital japonesa na expectativa de testemunhar o seu clube ser campeão mundial. Já no dia 1º de dezembro o jornalista João Carlos Belmonte, em sua coluna no Correio do Povo, relatava:

As agências de viagens de Tóquio confirmam que efetivamente virão mais torcedores de Hamburgo do que do Brasil.

²⁶ <http://www.berlinonline.de/berliner-zeitung/archiv/.bin/dump.fcgi/2004/1213/sport/0005/index.html>

²⁷ <http://daleboca.com/Juve.html>

Essa tendência seria confirmada por Marco Antonio Schuster no seu Diário de Viagem da Folha da Tarde do dia seguinte à conquista (12), assegurando que “o Hamburgo *tinha* torcida maior, *enquanto que* o Grêmio *tinha* uma charanga composta por japoneses [...] e auxiliada por brasileiros”.

3.5. Preparação internacional

No que concerne à preparação específica que realizou o clube hanseático visando a decisão do título mundial, a já citada reportagem *Os Globetrotters de Hamburgo*, publicada pela revista semanal alemã Der Spiegel do dia 2 de janeiro de 1984, nos fornece uma passagem esclarecedora a esse respeito. Ao fazer o balanço retrospectivo dos resultados do clube, meia temporada após ter sido coroado o campeão europeu em Atenas, e dissertar a respeito da maratona de jogos enfrentada pelo clube como resultado do seu prestígio internacional, a matéria afirmou claramente que “o Hamburgo havia se preparado durante semanas, em um campo de treinamento (provavelmente o de Ochsenzoll), para essa *final do mundo*”:

[...] der sich wochenlang in einem Trainingslager auf dieses Weltfinale vorbereitet hatte.²⁸

Outro acontecimento que ilustra bem a preparação do Hamburgo para a decisão em Tóquio foi o já referido amistoso realizado em Rabat, no Marrocos, no dia 29 de novembro. A partida vencida pelo Hamburgo por 2 a 1 ficou marcada pela briga entre o técnico Ernst Happel e o zagueiro Holger Hieronymus, após a suposta falha deste último no gol dos anfitriões. Ainda demonstrando sua irritação com a equipe, Happel deixou clara a sua preocupação com o Mundial ao afirmar para o Bild Sport do dia 1º de dezembro, registrada pela Zero Hora do dia seguinte:

Rabat como teste internacional foi uma grande porcaria.

²⁸ <http://wissen.spiegel.de/wissen/image/show.html?did=13508023&aref=image036/2006/06/13/cq-sp198400101190120.pdf&thumb=false>

3.6. Pela reconquista

Pessoalmente, talvez Ernst Happel fosse um dos maiores interessados na conquista do título mundial. Treze anos antes, no dia 9 de setembro de 1970, o austríaco já sentira na pele a glória e a repercussão da conquista da Copa Intercontinental, quando o time que comandava na época, o Feyenoord, derrotou o Estudiantes de La Plata no Estádio De Kuip em Roterdã por 1 a 0 e sagrou-se o campeão mundial. O duelo era considerado de alto risco, especialmente o jogo de ida em Buenos Aires, devido a alguns episódios de violência protagonizados nas edições anteriores pelo mesmo clube argentino. No dia 26 de agosto de 1970, o Feyenoord, procurando amenizar as hostilidades da torcida adversária, entrou no campo da Bombonera com a bandeira argentina e atirando flores ao público.²⁹ O clube holandês chegou a estar perdendo o jogo por 2 a 0, mas conseguiu chegar ao empate.

Consciente do prestígio que o bicampeonato mundial lhe traria, o comandante hanseático certamente sonhava em repetir no ano de 1983 fotos comemorativas como quando posou orgulhosamente, na década anterior, ao lado das maiores conquistas do clube holandês até hoje: a Copa dos Campeões de 1969/1970 e a *Copa do Mundo* em 1970, ambas conquistadas pelo austríaco.³⁰ Mesmo diante do temor dos administradores do clube holandês com relação ao *fair play* do time argentino, um site dos torcedores do Feyenoord afirma que “Ernst Happel e os jogadores sabiam que aquela era uma maravilhosa oportunidade esportiva”.³¹ Para o jogo de volta, um estádio lotado e repleto de presenças ilustres, como a Rainha Juliana, o Príncipe Bernhard, o Primeiro-ministro de Jong e o Prefeito de Roterdã Thomassen presenciou o título mundial do clube holandês.³² Após a partida, cerca de 150 mil torcedores recepcionaram os campeões do mundo na principal Avenida de Roterdã, a Coolsingel.

²⁹ Quase 13 anos depois, no dia 8 de julho de 1983, seria a vez do Grêmio enfrentar as hostilidades do Estudiantes. Pelo triangular semifinal da Copa Libertadores, os dois times empataram por 3 a 3 na tumultuada partida que entraria para a história como a *Batalha de La Plata*.

³⁰ <http://img516.imageshack.us/my.php?image=ernsthappelwereldbekerms7.jpg>

³¹ http://www.fr-fans.nl/index.php?p=geschiedenis/historie_7073

³² <http://www.feyenoord.nl/content/asp/kameraadjes/website/pdf/spreekbeurt.pdf>

4. Da Força do Hamburgo

Observados todos os feitos alcançados pelo clube da cidade-estado às margens do rio Elba, constatamos ser inegável que o Hamburgo não está entre os maiores vencedores da história do continente europeu. Provavelmente, o maior orgulho dos seus torcedores é o fato de o clube ser o único que participou de todas as edições da Bundesliga, desde a sua criação, em 1963. Para ilustrar, na página de entrada do site oficial do clube hanseático encontramos um contador que mede progressivamente cada segundo da permanência do HSV na primeira divisão alemã.³³ Mesmo assim, o clube atravessou, entre os anos de 1975 e 1983, uma fase em que dificilmente outro clube tenha sido mais bem sucedido.

4.1. Os anos de ouro (1975-1983)

Na temporada 1975/1976, o Hamburgo conquistaria a sua segunda Copa da Alemanha, vencendo o Kaiserslautern na final por 2 a 0, em Frankfurt. O título certamente não foi obra do acaso, já que o clube hanseático seria também vice-campeão alemão, o melhor resultado desde 1960. Na temporada seguinte, o HSV, já com o meia-atacante Felix Magath no elenco, daria início a um período de grandes feitos internacionais ao vencer a Recopa Européia³⁴ de 1976/1977, derrotando o belga Anderlecht por 2 a 0, em Amsterdã. Pela decisão da Supercopa Européia de 1977, o Hamburgo seria derrotado pelo Liverpool, então campeão europeu. Mais tarde, o título do campeonato nacional de 1978/1979 quebraria um jejum de 19 anos sem conquistar a Alemanha.

De volta à principal competição continental, o clube realizou uma grande campanha na Copa dos Campeões da Europa de 1979/1980, chegando à final, em Madri, onde era considerado o favorito diante do então campeão Nottingham Forest. Afora a grande equipe que tinha, o Hamburgo tinha recém despachado os *merengues* do Real Madrid com uma goleada histórica por 5 a 1, no Volksparkstadion, pela semifinal. No entanto, a injusta derrota por 1 a 0 consagraria o

³³ <http://www.hsv.de/>

³⁴ Competição anual disputada entre os campeões das copas nacionais européias. Extinta em 1999, a Recopa foi a segunda competição mais importante do continente desde 1960. A Supercopa Européia, criada em 1973, seria disputada até 1999 entre os campeões da Recopa e da Copa dos Campeões.

lendário goleiro Shilton.³⁵ Em âmbito nacional, o HSV chegaria ainda a um novo vice-campeonato.

O time alemão tinha no elenco jogadores como Manfred Kaltz (581 partidas pelo clube e titular da seleção alemã nas Copas do Mundo de 1978 e 1982), Horst Hrubesch (136 gols pelo clube), Felix Magath (astro da seleção alemã bi-vice-campeã do mundo em 1982 e 1986) e o inglês Kevin Keegan (eleito o jogador europeu do ano em 1978 e em 1979 pela revista *France Football*). O prestígio do clube alemão era tanto que, para a temporada seguinte (1980/1981), o *Kaiser* Franz Beckenbauer deixou o New York Cosmos para integrar o elenco da equipe. Por duas temporadas, Beckenbauer disputou 33 partidas pelo clube, sendo campeão alemão em 1981/1982.

A chegada de Ernst Happel, em 1981, representou o início de uma fase quase perfeita que durou mais de dois anos. A conquista da Bundesliga de 1981/1982 possibilitou uma nova presença na Copa dos Campeões da Europa. Ainda em 1981/1982, o Hamburgo chegaria ao vice-campeonato da Copa da UEFA, sendo derrotado pelo Gotemburgo de Sven-Göran Eriksson. Mais tarde, após aprender duramente com as inesperadas derrotas para clubes de menor expressão como o Gotemburgo e o Nottingham Forest, o Hamburgo utilizou a fórmula para vencer a favorita Juventus e conquistar a Europa na temporada 1982/1983. Mesmo não sendo o favorito em Atenas, diversos jornais da época comprovam que o merecimento hanseático fora indiscutível.

O jornal italiano *Corriere dello Sport* mencionou, após a final, em uma clara alusão à derrota da Alemanha na final da Copa do Mundo de 1982 pela Itália, que “a seleção alemã era mais fraca do que o Hamburgo”:

Die augenblickliche deutsche Nationalelf ist schwächer als der HSV!³⁶

Na linha do favoritismo da equipe de Turim, o jornal *Gazetta dello Sport* destacou que a “Juventus traiu toda a Itália” e que o Hamburgo mereceu “subir ao trono do futebol europeu”:

Juventus hat ganz Italien verraten. Der HSV bestieg verdient Europas Fußball-Thron.

³⁵ <http://www.uefa.com/competitions/ucl/history/season=1979/intro.html>

³⁶ <http://www.hsv-history.de/europa198283.html>

O jornal grego Cathimerini, por sua vez, considerou que o HSV “facilmente apoderar-se-ia do troféu, ao contrário do que as pessoas tinham esperado”:

Niemand hatte erwartet, daß Hamburg so leicht den Pokal an sich reißen würde.

Além da merecida consagração do meia-atacante e capitão do Hamburgo Felix Magath, o maior destaque da decisão parece ter sido o “mago antipático Ernst Happel”, como deixou claro o jornal italiano Tutto Sport, considerando-o “o melhor treinador do mundo”:

Happel, der unsympathische Magier, ist der beste Trainer der Welt.

O ano de 1983 trouxe ainda mais um campeonato alemão, o sexto do Hamburgo desde a criação do campeonato alemão em 1902, e o terceiro título em cinco anos. De fato, o momento atravessado pelo clube na época não encontrava equivalente na sua história. De quebra, o HSV alcançaria a maior invencibilidade de um time alemão na Bundesliga até hoje: 36 jogos entre 16 de Janeiro de 1982 e 29 de Janeiro de 1983. Ainda em 1983, o Hamburgo participaria de sua sexta final europeia em oito anos, sendo derrotado pelo Aberdeen na final da Supercopa Europeia de 1983.

Resumindo, durante os oito anos transcorridos entre 1975 e 1983, o Hamburgo firmou-se como o clube alemão de maior sucesso no período tanto em âmbito nacional como em âmbito internacional. No plano interno, foram três conquistas da Bundesliga e mais três vice-campeonatos, além da Copa da Alemanha de 1975/1976. No plano continental, o HSV chegou a seis finais europeias e a uma semifinal, conquistando a Recopa Europeia de 1976/1977 e a Copa dos Campeões da Europa de 1982/1983. Do dia 9 de agosto de 1975 (vitória por 4 a 1 sobre o Schalke 04 no Volksparkstadion pela primeira rodada da temporada 1975/1976 da Bundesliga) até o dia 7 de dezembro de 1983 (derrota para o Stuttgart no Volksparkstadion por 2 a 0 no último jogo antes do Mundial), o Hamburgo disputou 324 partidas por campeonatos nacionais: venceu 180, empatou 77 e perdeu 67 (67,44% de aproveitamento). Por competições continentais foram 64 jogos, com 32 vitórias, 14 empates e 18 derrotas (60,94% de aproveitamento). Na contagem geral, o HSV disputou 388 partidas oficiais, vencendo 212, empatando 91 e perdendo 85, mantendo um expressivo aproveitamento de 66,37% ao longo de oito temporadas e meia.

4.2. Eficiência desvendada

Para reforçar a percepção da força daquela equipe, particularmente em relação aos jogadores que enfrentaram o Grêmio, a tabela abaixo traz a análise de cada um desses atletas. Os quesitos analisados são referentes às posições em que jogavam normalmente, aos setores em que poderiam jogar eventualmente, aos jogos por suas seleções nacionais e ao tempo a serviço do clube hanseático.³⁷

Jogador	Posição em Tóquio	Outros setores em que atuou	Jogos pela seleção nacional	Ano de estréia no HSV
Uli Stein	Goleiro	Nenhum	6	1980
Bernd Wehmeyer	Lateral-direito	Ataque e Meio-campo	Nenhum	1978
Ditmar Jakobs	Zagueiro	Ataque	20	1979
Holger Hieronymus	Zagueiro	Meio-campo	3	1979
Michael Schröder	Lateral-esquerdo	Meio-campo	Nenhum	1980
Jürgen Groh	Volante	Defesa	2	1980
Jimmy Hartwig	Volante	Defesa	2	1978
Wolfgang Rolff	Meia-atacante	Ataque	37	1982
Felix Magath	Meia-atacante	Nenhum	43	1976
Allan Hansen	Atacante	Meio-campo	16	1982
Wolfram Wuttke	Atacante	Meio-campo	4	1983

Tabela 2. Fonte: Fussballdaten.de

Com base nos dados acima obtidos, podemos observar que, dos onze jogadores do Hamburgo que participaram da decisão do Mundial, nove tiveram passagens por sua seleção nacional. No entanto, levando-se em conta que o ponto forte do time alemão era, reconhecidamente, a disciplina tática, este fato não é de extrema importância. O ponto mais relevante para entender o sucesso do clube deve-se, acima de tudo, à base do time, que se manteve praticamente inalterada desde o final da década de 70, e que já vinha obtendo sucesso. Para ilustrar, cinco dos onze jogadores que disputaram o Mundial em Tóquio já faziam parte do time hanseático do final da década de 70, e para não menos que oito jogadores a temporada 1983/1984 já representava a quarta temporada defendendo as cores do clube alemão. Outro ponto crucial era a versatilidade dos jogadores, já que nove dos onze jogadores estariam aptos a realizar outra função no HSV caso o treinador desejasse.³⁸

³⁷ <http://www.fussballdaten.de/spieler/>

³⁸ Ainda que Magath não tivesse atuado em outro setor que não o do meio-campo, isso não significa que ele não pudesse ter exercido uma outra função neste mesmo setor. Entretanto, face à dificuldade de se obter essa informação, consideramos que apenas uma mudança de setor seria compreendida como uma mudança de função.

Um exemplo perfeito dessa versatilidade aconteceria exatamente no decorrer da decisão do Mundial de Clubes. Ao invés de arriscar colocar em campo o lesionado ponta-esquerda von Heesen, Happel preferiu liberar o então zagueiro Ditmar Jakobs das tarefas defensivas, posicionando-o como um centroavante. Em contrapartida, o volante Groh fora recuado para a função que antes era executada por Jakobs. A aparente modificação de risco revelou-se um retrato da qualidade dos versáteis jogadores do HSV, já que o excelente zagueiro levaria grande perigo ao *tricolor gaúcho* em duas oportunidades: na primeira, Jakobs recebeu um cruzamento de Magath da esquerda e cabeceou no ângulo direito do goleiro gremista; e na segunda, o *zagueiro-centroavante*, após receber um passe curto de Hansen dentro da área, desferiu um chute rasteiro de canhota com grande agilidade. Para o seu azar, Mazaropi estava em um dia inspirado e sequer deu rebote nas duas ocasiões.

Essa possibilidade de alteração tática não era uma novidade hanseática e já havia sido prevista pelo jornal Folha da Tarde do dia 5 de dezembro de 1983:

Por causa dessas dificuldades que Happel vem encontrando em seu ataque, ele espera poder contar em Tóquio com um trabalho eficiente de seus jogadores de defesa nos contra-ataques. Jakobs, por exemplo, é um zagueiro que costuma subir ofensivamente com perigo e já marcou muitos gols de cabeça no campeonato alemão.

4.3. Uma lenda

Por fim, para o completo entendimento das causas daquele desempenho sem precedentes do clube hanseático, é imperativa a análise do comandante daquela equipe, o austríaco Ernst Happel, um dos maiores técnicos de todos os tempos. Ao longo da sua carreira, o treinador conquistou o título da Liga Nacional de quatro países diferentes: Holanda, Bélgica, Alemanha e Áustria. Ainda na esfera clubística, mas em âmbito continental, Happel foi um dos dois únicos treinadores que conquistaram a Copa dos Campeões da Europa por dois clubes diferentes, ao lado de Ottmar Hitzfeld. Na temporada 1969/1970, o austríaco levou o Feyenoord ao seu único título da Copa dos Campeões, sendo o primeiro de um clube holandês. Além da conquista com o Hamburgo, na temporada 1982/1983, Happel esteve muito perto da façanha de conquistar a Copa Européia por três clubes diferentes quando levou o belga Brugge a uma surpreendente final na temporada 1977/1978. Em âmbito mundial, mesmo com a derrota diante do Grêmio, Happel já havia sido campeão do mundo de clubes em 1970, com o Feyenoord.

Paralelamente ao trabalho realizado com o clube belga, Happel ainda treinava a seleção holandesa de futebol que foi à Argentina disputar a Copa do Mundo de 1978. Quase oito anos depois de comandar o Feyenoord na final da *Copa do Mundo de Clubes* em Buenos Aires contra o Estudiantes, o austríaco voltaria a estar na final de uma Copa do Mundo na capital argentina, novamente treinando os holandeses contra os anfitriões. Embora também tenha empatado o jogo nos 90 minutos, tal como havia ocorrido no dia 26 de agosto de 1970, o final da história não lhe foi favorável, com a Argentina derrotando a Holanda na prorrogação por 3 a 1 e sagrando-se campeã do mundo pela primeira vez. Happel foi ainda considerado o terceiro melhor treinador de todos os tempos pelo jornal britânico *The Times*, atrás do holandês Rinus Michels e do inglês Matt Busby.³⁹ O austríaco deixaria o Volksparkstadion em 1987, logo após a conquista da Copa da Alemanha, a terceira da história do clube e o último título de expressão do HSV.⁴⁰ Em 1992, ano em que assumiu o comando da seleção austríaca, Happel não resistiria a um câncer, falecendo aos 66 anos de idade. Em sua homenagem, o maior estádio da Áustria, o Praterstadion, em Viena (local da decisão da Eurocopa 2008), foi rebatizado para Ernst Happel Stadion.

³⁹ <http://www.timesonline.co.uk/tol/sport/football/article2437525.ece>

⁴⁰ Em 2003, o Hamburgo conquistaria a Copa da Liga Alemã ao derrotar o Borussia Dortmund por 4 a 2, em Mainz.

Conclusão

Quando o francês Michel Vautrot soou o apito pela última vez no Estádio Nacional de Tóquio, naquele 11 de dezembro de 1983, os torcedores gremistas certamente tinham muito o que comemorar. O Grêmio acabava de se tornar o primeiro clube gaúcho a conquistar o título mundial, fato que levaria mais de duas décadas para ser igualado. Não bastasse o significado óbvio da glória alcançada, o pioneirismo tricolor se tornou ainda mais valorizado pelas grandes dificuldades impostas pelo Hamburgo, cujo magnífico desempenho na época é indiscutível.

O objetivo desta pesquisa foi esclarecer diversos pontos controversos sobre o Hamburgo SV que foi derrotado pelo Grêmio na decisão do título mundial. Primeiramente, analisamos com cuidado quais foram os verdadeiros desfalques do clube hanseático para Tóquio e as causas das suas ausências. O lateral-direito Manfred Kaltz e o ponta-esquerda Jürgen Milewski nem viajaram à Ásia, machucados. Como foi discutido, embora o motivo alegado para a ausência do centroavante Dieter Schatzschneider no banco de reservas parece também ter sido de ordem clínica, outros indícios nos levam a crer que o mau relacionamento com os seus companheiros e a impaciência de Happel com a sua fase técnica podem ter colaborado para o afastamento do jogador.

Quanto ao banco de reservas, a direção do Hamburgo levou 15 jogadores para a capital japonesa. Esse baixo número de alternativas de que dispunha o treinador austríaco foi decorrente do grande número de lesões que acometeram o time, aliado à falta de agilidade e eficiência dos seus dirigentes que pareciam acreditar que o sucesso do HSV jamais terminaria. Mesmo assim, se lembrarmos que só era permitido aos treinadores na época a substituição de dois jogadores, a implicação de ter um elenco pequeno no planejamento tático de Happel foi limitada. Mais do que isso, a análise do comportamento do treinador austríaco com relação a substituições, poucas vezes fazendo uso pleno do seu direito e menos ainda visando a alterar a estratégia da sua equipe, nos deixa com a clara sensação de que o baixo número de reservas teve um reflexo muito reduzido no desempenho do HSV no Japão.

No que concerne ao interesse do clube alemão em conquistar o Mundial Interclubes, devemos advertir que, como representante europeu, o Hamburgo dificilmente demonstraria o mesmo entusiasmo que o Grêmio em conquistá-lo. Enquanto que os sul-americanos sempre trataram essa competição como a mais importante das suas vidas, os europeus em geral nunca

esconderam que o título continental era a conquista mais desejada no velho continente. Não obstante, constatamos que a Alemanha parece nutrir uma simpatia maior pela decisão mundial do que a média das demais nações européias. Nada desprezível também foi o interesse pessoal de Ernst Happel, ansioso por conquistar o Mundial pela segunda vez. Ao mesmo tempo, a reconquista do prestígio internacional do Hamburgo era uma prioridade para o clube e, mesmo envolvidos em compromissos decisivos pela Bundesliga, os jogadores e a comissão técnica não escondiam o seu maior interesse pela *final do mundo*. O expressivo número de torcedores alemães que viajaram ao Japão e a preparação específica para o Mundial realizada pelos hanseáticos são outros exemplos que corroboram a tese de que não faltou vontade e nem interesse aos alemães para conquistar o mundo.

Por fim, era natural que o Hamburgo, como representante europeu, fosse considerado favorito ao título. Porém, apenas a localização do clube não seria o suficiente para justificar o seu favoritismo. Ele decorria sobretudo de uma fase estupenda e duradoura que teve seu início pela metade da década de 70. De 1975 a 1983 a Europa acostumou-se a ver o HSV como o clube alemão de maior sucesso no continente. Os qualificados elencos montados no Volksparkstadion levaram o clube do norte da Alemanha a títulos nacionais e internacionais, além de uma presença constante nos momentos decisivos dos certames. Notavelmente reconhecidos pela bravura e pela disciplina tática, a base da equipe que começou a ser formada no final da década de 70 e principalmente a chegada ao clube de um dos maiores técnicos de futebol da história deram ao Hamburgo a força necessária para conquistar a Europa e consolidar-se como um dos clubes mais vitoriosos do período.

O feito alcançado pelo *tricolor de Porto Alegre* naquele ano de 1983 permanecerá para sempre na memória da sociedade gaúcha. Pela primeira vez na história um clube gaúcho colocava o nome do Estado em evidência no cenário futebolístico internacional. Tamanha façanha exigiu do Grêmio uma bravura e uma grandeza incontestáveis, desde as árduas batalhas nos campos da América até a rendição dos imbatíveis alemães na Ásia. O *imortal tricolor*, após 120 minutos de intensa luta contra o eficiente campeão europeu, demonstrou um grande futebol e mereceu chegar ao topo do futebol mundial, para o orgulho dos seus torcedores e conterrâneos do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Anexo. Hamburgo SV (1978-1983) x FC Barcelona (2001-2006)

Como foi exposto no decorrer do trabalho, as conquistas alcançadas pelo clube hanseático de 1975 a 1983 foram bastante relevantes, nos proporcionando uma excelente visualização do grande momento pelo qual passava o clube, certamente sem precedentes na sua história. Os três títulos do campeonato nacional, o da copa nacional, o da Recopa Européia e o da Copa dos Campeões da Europa foram de tal forma expressivos que, mesmo se compararmos com os melhores períodos de outros grandes clubes europeus, eles jamais seriam ofuscados.

Assim, a real dimensão da força hanseática entre 1975 e 1983 poderia ser melhor assimilada caso fosse comparada com a força de uma grande equipe mais atual que, merecidamente, tenha adquirido um status quase indiscutível de *supertime*. Para isso, seria bastante válido acrescentar uma última série de estatísticas, através da qual podemos comparar, nos anos que antecederam suas respectivas disputas pelo título mundial, os resultados alcançados tanto pelo time do Hamburgo que foi tema deste trabalho quanto pelo aclamado time do Barcelona de grande sucesso nos anos 2000. Esta comparação é bastante oportuna, já que, através de dados concretos, poderíamos reparar uma grande injustiça histórica cometida contra o clube alemão, obviamente carente da visibilidade dedicada aos clubes europeus no século XXI. Com efeito, as atuações que qualquer clube europeu protagonize na época atual são rapidamente transmitidas ao resto do mundo, com alta qualidade de som e imagem, um detalhismo característico obtido pela grande quantidade de recursos disponíveis nas transmissões. Desse modo, a única forma legítima de comparar o desempenho dos referidos clubes nos anos que antecederam seus Mundiais de Clubes é a exposição dos resultados obtidos por esses times, a fim de mensurar a magnitude do momento pelo qual atravessavam os clubes que jogaram no Japão.

Portanto, caso limitemos a análise do período catalão às mesmas oito temporadas utilizadas no caso hanseático, observamos, em adição às mesmas três conquistas do campeonato nacional, apenas o título da Liga dos Campeões da UEFA de 2005/2006. Entretanto, deve-se ressaltar que o primeiro dos três títulos nacionais acima citados, conquistado na temporada 1998/1999, não pode ser associado ao excelente momento do Barcelona que culminou com a conquista da Europa, mas sim a um período anterior, iniciado em meados da década de 90. Para ilustrar, depois da conquista daquele campeonato, o Barcelona ficaria cinco temporadas sem comemorar títulos (1999-2004). O Hamburgo, por sua vez, ficaria no máximo duas temporadas

na fila (1979-1981), sendo que em uma delas chegou à final da Copa dos Campeões. Complementando a comparação, o Hamburgo ainda seria vice-campeão nacional em outras três oportunidades, contra somente duas do Barcelona. Por último, enquanto que o HSV marcaria presença em seis finais europeias entre 1975 e 1983, o clube catalão só decidiria duas competições europeias entre 1998 e 2006.

No entanto, apesar de reconhecermos a importância de medir o nível do momento atravessado pelos clubes, a comparação mais correta entre eles deveria levar em conta apenas os resultados obtidos pelas bases das equipes que decidiram os seus respectivos Mundiais Interclubes. Dessa forma, estaríamos aptos a compreender de forma mais exata do que eram capazes os jogadores do clube hanseático e os do clube catalão que disputaram o título mundial em 1983 e em 2006, respectivamente. Com esse objetivo, o período mais adequado para a realização da análise parece ser o que antecede o Mundial em cinco temporadas. A exemplo do que ocorrera com o Hamburgo em 1983, para oito jogadores do Barcelona que entraram em campo na final de Yokohama aquela já era, no mínimo, a quarta temporada a serviço da equipe do Camp Nou. Destes oito, cinco jogadores já estavam a cinco ou mais temporadas defendendo o clube da Catalunha.⁴¹

Assim, a delimitação do período de análise para cinco anos não foi feita com a mera intenção de favorecer o Hamburgo, utilizando o exato período onde o clube alemão obteve o maior número de glórias em sua história. Os cinco anos, como foi argumentado, representaram um ponto médio importante da formação da equipe que viria a conquistar a Europa em 1983, o mesmo ocorrendo com a equipe que conquistou o velho continente em 2006. Caso a intenção fosse unicamente favorecer o Hamburgo, o período poderia ser levemente expandido para seis anos, já que em 1977 o Hamburgo conquistara a extinta Recopa Europeia. No entanto, do time que foi a Tóquio, somente Felix Magath participara daquela partida (marcando o segundo gol), o que não vai de encontro com o real objetivo desta análise, que é a observação da trajetória da base da equipe vice-campeã do mundo em 1983.

Desse modo, analisando-se as campanhas destes clubes nas cinco temporadas que precederam aquela da disputa pelo título mundial, observamos que, em âmbito nacional, enquanto que o clube do norte alemão conquistou três títulos da Bundesliga e dois vice-campeonatos em cinco disputados, o Barcelona só comemoraria o título da Liga Espanhola por

⁴¹ <http://www.lfp.es>

duas oportunidades, ficando em segundo uma única vez. Se o assunto é o desempenho na esfera continental, então deparamo-nos com nova superioridade hanseática: são quatro finais de Copas Européias em cinco participações do HSV contra apenas duas finais em seis participações dos catalães. O Barcelona seria campeão espanhol nas temporadas 2004/2005 e 2005/2006, vice-campeão em 2003/2004, campeão europeu em 2005/2006 e vice-campeão da Supercopa Européia em 2006.

Se lembrarmos que nem o Hamburgo e nem o Barcelona mantiveram uma seqüência de conquistas nos anos que se seguiram ao Mundial de Clubes, não podemos afirmar que aquele time catalão que se destacara entre 2004 e 2006 encontrava-se no estágio inicial de um período glorioso ou que, menos ainda, no momento da disputa pelo Mundial o Barcelona vivia o auge da sua forma. Pelo contrário, tanto o Hamburgo do final de 1983 quanto o Barcelona do final de 2006 já davam indícios de que a fase áurea já havia passado.

Pelo lado do Hamburgo, podemos apontar a eliminação da Copa dos Campeões da Europa de 1983/1984 para o modesto Dínamo de Bucareste, ainda nas oitavas-de-final, como o maior indício da queda de rendimento do clube. Poder-se-ia acrescentar ainda a quinta colocação do HSV ao final do primeiro turno da Bundesliga como outra evidência. Porém, deve-se ressaltar que caso tivesse vencido o Stuttgart na partida que precedeu em algumas horas o embarque à Ásia por dois gols de diferença, o HSV teria deixado a Alemanha como o *campeão de inverno* do campeonato nacional.

Pelo lado do Barcelona, a goleada sofrida para o Sevilha na final da Supercopa Européia de 2006 por 3 a 0, realizada no dia 25 de agosto em Mônaco, pode ser considerada o marco inicial da decadência catalã. Outro fator relevante foi a flagrante queda de rendimento do seu principal jogador, Ronaldinho, apontado como uma das maiores decepções da Copa do Mundo de 2006. Ademais, o clube catalão só garantiu a sua classificação para as oitavas-de-final da Liga dos Campeões da Europa de 2006/2006 na última rodada, com uma vitória por 2 a 0 sobre o Werder Bremen. Dessa forma, as evidências mostradas acarretam na certeza de que o período glorioso de ambas as equipes já estava em decadência quando das suas respectivas disputas pelo Mundial de Clubes.

Portanto, os resultados que já haviam sido obtidos por aquele time do Hamburgo antes de Tóquio não nos deixam dúvidas quanto a sua superioridade frente aos resultados obtidos pelo time do Barcelona antes de Yokohama. O período de duração do sucesso daquela base do time

hanseático foi aproximadamente duas vezes e meio maior do que o período catalão, e até quatro vezes maior caso seja considerada somente a seqüência de sucesso alcançada pelo clube, independente da presença de jogadores dos Mundiais. Mais do que isso, mesmo que limitemos o período alemão para dois anos, de forma a facilitar a comparação com o Barcelona, percebemos que a fase do Hamburgo foi inclusive mais contundente do que a catalã. O biênio 1981/1983 do HSV supera o biênio 2004/2006 do FCB em uma final européia, além da consolidação da maior invencibilidade da história do seu campeonato nacional. Assim, embora não possamos dizer qual time jogava o melhor futebol, já que cairíamos no tradicional erro de comparar duas épocas totalmente distintas, não seria nenhum absurdo afirmar que o Hamburgo do final da década de 70 e do início da década de 80 era uma equipe mais difícil de ser derrotada do que o Barcelona do biênio 2004/2006.

Referências

BBC. **Good, but not that good.** Londres: 30/11/1999. Disponível em:
<http://news.bbc.co.uk/2/hi/sport/football/543749.stm>

BERLINER ZEITUNG. **Der beste Klub der Welt.** Berlim: 13/12/2004. Disponível em:
<http://www.berlinonline.de/berliner-zeitung/archiv/.bin/dump.fcgi/2004/1213/sport/0005/index.html>

BUNDESLIGA. **Statistik – Datenbank.** Disponível em:
<http://www.bundesliga.de/de/statistik/>

COLEÇÃO GRÊMIO GIANFRANCO. **Jornais históricos.** Disponível em:
<http://www.torcedor.gremista.nom.br/jornais.htm>

CORREIO DO POVO. 1 a 15 de dezembro de 1983. Central de pesquisas e jornais, Porto Alegre.

DALE BOCA. **Juventus campeón del mundo.** Disponível em: <http://daleboca.com/Juve.html>

DER SPIEGEL. **Die Hamburg Globetrotters.** Hamburgo: 02/01/1984. Pág. 119 e 120.
 Disponível em:
<http://wissen.spiegel.de/wissen/image/show.html?did=13508023&aref=image036/2006/06/13/cq-sp198400101190120.pdf&thumb=false>

FEYENOORD. **Kameraadjes: Spreekbeurtpakket.** Disponível em:
<http://www.feyenoord.nl/content/asp/kameraadjes/website/pdf/spreekbeurt.pdf>

FOLHA DA TARDE. 1 a 15 de dezembro de 1983. Central de pesquisas e jornais, Porto Alegre.

FOOTBALL SITE. **European Super Cup: 1983/84.** Disponível em:
<http://footballsite.co.uk/Statistics/European/SuperCup/SuperCup1983-84.htm>

FR – FANS. **De geschiedenis deel 12 – De Wereldbeker.** Disponível em: http://www.fr-fans.nl/index.php?p=geschiedenis/historie_7073

FUSSBALLDATEN. **Bundesliga.** Disponível em: <http://www.fussballdaten.de/bundesliga/>
 _____ . **Weltpokal 1983.** Disponível em:
<http://www.fussballdaten.de/weltpokal/1983/finale/gremioportoalegre-hamburg/>

GRÊMIO. **Copa Libertadores 1983 – Final.** Disponível em:
http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=libert_1983&language=0

_____. **Retrospectiva do Mundial: o adversário.** Disponível em:
http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=cap_3&language=0

HSV. **Home**. Disponível em: <http://www.hsv.de/>

____. **Museum: Wichtige Ereignisse - Die 80er**. Disponível em: http://www.hsv-hshnordbank-arena.de/de/museum/geschichte_des_hsv/wichtige_ereignisse/1980.html

HSV - HISTORY. **Europapokal der Landesmeister 1982/83**. Disponível em: <http://www.hsv-history.de/europa198283.html>

KRUSE, André. **Campeão do Mundo**. Blog Grêmio Campeão do Mundo – 1983. 11/12/2006. Disponível em: <http://mundial1983.blogspot.com/>

_____. **Wianey**. Blog Grêmio 1983. 15/11/2006. Disponível em: <http://gremio1983.blogspot.com/2006/11/wianey.html>

LFP. **História de la Liga: plantilla de la temporada**. Disponível em: www.lfp.es

MÖLLERS – HSV – ECK. **Autogrammkarten**. Disponível em: <http://www.moellers-hsv-eck.de/HSV%20Autogramme/1982-83.htm>

ROMANIAN SOCCER. **European Cups: 1983-1984**. Disponível em: http://www.romaniansoccer.ro/europeancups/_european_cups.shtml?autoframe=1

RSSSF. **European Champions Cup 1982-83**. Disponível em: <http://www.rsssf.com/ec/ec198283.html#cc>

TIMES. **The top 50 managers of all time**. Londres: 12/09/2007. Disponível em: <http://www.timesonline.co.uk/tol/sport/football/article2437525.ece>

UEFA. **UEFA Champions League: History – 1979-1980**. Disponível em: <http://www.uefa.com/competitions/ucl/history/season=1979/intro.html>

WIKIPEDIA. **Dieter Brefort**. Disponível em: http://de.wikipedia.org/wiki/Dieter_Brefort

WORLD SOCCER. **More goals fewer fans**. *Reports from Arthur Rotmil*. Londres: fev. 1984. Disponível em *Coleção Grêmio Gianfranco*: <http://www.torcedor.gremista.nom.br/revistas/Wordl%20Soccer%20Magazine%2002.jpg>

ZERO HORA. 1 a 15 de dezembro de 1983. Centro de Documentação e Informação, Porto Alegre.